

ALGODÃO

Eng Agr Vera da Rocha Zardo

Na última safra 2002/2003, os cotonicultores do Paraná produziram 71.477 toneladas de algodão em caroço, numa área de plantio de 30.000 ha, a menor área já cultivada com esta cultura no estado. Esta produção rendeu 25.000 toneladas de algodão em pluma, quantidade insuficiente para atender a demanda das indústrias de fio do Estado, estimada em 80.000 toneladas.

Nessa mesma safra, a produção nacional de pluma, segundo a CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento, foi de 850,8 mil toneladas de algodão em pluma. O Paraná que, até a safra de 1996 era o primeiro produtor nacional da fibra, posiciona-se, atualmente, como 7º colocado entre os principais estados produtores.

Destaca-se que a região Centro-Oeste é responsável por 70% da produção nacional. O estado do Mato-Grosso é primeiro produtor nacional, com produção de 420 mil toneladas de pluma. A segunda colocação no ranking nacional é do estado de Goiás com uma produção de 114 mil toneladas, e em terceiro lugar está a Bahia com produção de 108 mil toneladas.

Nos últimos anos vários estados criaram programas de estímulo para o plantio desta fibra, através de incentivos fiscais, tais como: Mato Grosso, Goiás, Bahia, Minas Gerais e Ceará.

Na última safra a produtividade média das lavouras de algodão no Paraná alcançou 2.379 kg/ha de algodão em caroço, rendimento recorde, porém se comparado com a produtividade, obtida nas lavouras da região Centro-Oeste, este rendimento pode ser considerado ruim, uma vez que naquele estado colheu-se 3.500 kg/ha. Lá o algodão é cultivado em grandes áreas, em escala, o clima é regular e a colheita é mecânica.

No Paraná restaram alguns poucos produtores de algodão, hoje, estima-se, que no Paraná existam no máximo 3.000 produtores, predominando o cultivo em pequenas propriedades, necessitando que estes produtores intensifiquem o uso das tecnologias disponíveis para aumentar a produtividade.

Na última safra os produtores que optaram em plantar algodão, acertaram na escolha. Os preços médios recebidos situaram-se em torno

de R\$ 18,50 a arroba, nos meses de comercialização do produto, o que proporcionou uma rentabilidade sobre o custo variável próxima a 50%. O clima beneficiou possibilitando a colheita de um produto de excelente qualidade.

Para a próxima safra, as perspectivas com relação à área ser plantada no Paraná são boas. Uma definição melhor ocorrerá nas próximas semanas, pois o plantio inicia-se no mês de outubro. Os primeiros números indicam um aumento na área de 11%, com destaque para o aumento de 17,5% na região Centro-Oeste do Estado, e para a região Noroeste com 15% de crescimento na área. A estimativa é de um plantio de 33.300 ha com previsão de produção de 76.752 toneladas de algodão em caroço, porém os indicativos são de uma área superior ao indicado na última pesquisa de campo.

Além do resultado econômico satisfatório, na última safra, algumas prefeituras da região Centro-Oeste, com o apoio do governo do Estado, através do Programa Paraná 12 Meses, estão incentivando o plantio, através da distribuição de kits de semente e fertilizantes para pequenos produtores.

O plantio de algodão é importante para a economia dos pequenos municípios contribuindo para a geração de emprego e renda no campo. Cada 3 ha cultivado com algodão emprega 1 pessoa no campo.

O plantio de algodão no Paraná é viável e o estado possui algumas vantagens competitivas tais como:

- Época de colheita, pois a safra paranaense é a primeira a entrar no mercado brasileiro, com o produtor podendo se beneficiar de preços mais altos;
- O custo de produção no Paraná é menor que o custo de produção nos estados de Centro-Oeste;
- A colheita manual pode ser um fator positivo na obtenção de um produto de melhor qualidade;
- Boa disponibilidade de tecnologia, com dois centros de pesquisas, o IAPAR e a COODETEC - Cooperativa Central Agropecuária de Desenvolvimento Tecnológico e Econômico.
-

Porém alguns pontos de negativos precisam ser superados, principalmente:

- Difícil acesso dos pequenos produtores à tecnologia disponível;
- Pouca organização e motivação dos produtores;
- Acesso restrito dos produtores a crédito de custeio, comercialização e investimentos;
- Falta de integração entre os diversos segmentos da cadeia produtiva;
- Necessidade de capacitação de novos técnicos, pois parte considerável dos técnicos que atuavam na assistência técnica da cultura, migraram para outros estados;
- Falta de apoio a agroindustrialização do setor.